

Editorial

Sérgio Niza

Lembrar os que nos ajudaram a pensar a educação nos tempos de fundação do Movimento foi um propósito que temos satisfeito ao longo dos últimos Congressos do MEM. Em Beja falámos de João dos Santos, convocando a amizade e o conhecimento da Maria Eugénia Carvalho e Branco que colabora agora com o texto dessa intervenção neste número da *Escola Moderna*.

De João dos Santos, fala-se a todo o tempo entre nós. Foi um dos sócios das primeiras horas do MEM. E de entre nós, os que com ele trabalharam no Centro Helen Keller não levarão a mal que aqui me aproprie da memória desses tempos fundadores, partilhando-a.

Chegado ao Helen Keller pela mão acolhedora da Isabel Pereira encontrei-me com os outros professores no seminário semanal de João dos Santos destinado ao acompanhamento psicopedagógico da actividade educativa enquanto Director Clínico da casa. Nesses seminários, falávamos sobretudo dos nossos problemas com as crianças e neles João dos Santos perguntava-nos, por vezes, o que é que teríamos feito para que acontecessem aquelas coisas de que nos queixávamos quando falávamos de alguns alunos. Foi essa necessidade de me implicar nas situações desencadeadas na relação pedagógica, a primeira grande descoberta que ele me ajudou a fazer: a relação humana é uma relação bi-unívoca, somos sempre parte dela.

Mas foi a atitude de anti-didactismo de João dos Santos, para descolarização da acção

educativa na escola, que mais frutuosa influência gerou em mim. Esse posicionamento crítico contra o simulacro e a manipulação didáctica e a dimensão antro-po-analítica que inspiravam as suas intervenções abriram-me o caminho à autoscopia da minha actividade pedagógica. Fui aprendendo assim novos segredos de desocultação dos sentidos que impomos aos artifícios humanos, fazendo-os circular erradamente como coisas naturais nas nossas vidas. A escola tornou-se, desde então, o artefacto mais estimulante da minha curiosidade incontida. Desenlear-lhe os sentidos e desocultar-lhe os fundamentos foi o caminho para desencadearmos a via de reflexão crítica de orientação sócio-constructivista com que vamos, como movimento, desenvolvendo a nossa profissão formadora, numa reelaboração sistemática das práticas sociais e educativas.

Foi ainda no convívio com João dos Santos que antevi a dimensão multiplicadora e estruturante da cooperação, a partir do trabalho de equipa que com ele partilhei e que ele tanto sabia acarinhar.

O estímulo para a partilha social dos saberes é sua herança também. Ele, como poucos, tinha a consciência de que nesse momento histórico (anos 60, do século XX) o que importava era multiplicar a competência técnica investindo cada um de nós nesse desígnio cívico, trocando os saberes da profissão. Em A-da-Beja fizemos dessa orientação uma estratégia de construção da própria equipa: impunha-se partilhar o que fazíamos, desde a

primeira hora, com os que nos procuravam, da acção social à saúde escolar ou das escolas aos serviços do Ministério da Educação. Assim, ensinando, isto é comunicando, fomos renovando e aprendendo as profissões que ali se fundiam no apoio ao desenvolvimento humano.

Foi com João dos Santos que alguns de nós demos os primeiros passos na organização de grandes congressos. Lembro aqui o do centenário de Anne Sullivan em 1966, por altura dos primeiros passos do que viria a ser o Movimento da Escola Moderna portuguesa. Seguiu-se o centenário de Eduardo Claparède. Como nos era vedado nesse tempo realizar reuniões sem autorização governativa, a preparação, ao longo do ano, desses «eventos académicos» era uma oportunidade de construirmos projectos de trabalho cooperado e de pesquisa que João dos Santos habilmente estimulava e sustentava. Estas outras linhas de formação e de convívio cívico prepararam-nos (como acontecera com os cursos de aperfeiçoamento profissional de Rui Grácio, no Sindicato Nacional de Professores) para a organização da formação e dos congressos que se sucederam até hoje.

Mas não poderei esquecer aqui a emoção fulgurante que foi a vinda de Pinuchia, uma jovem cega, surda e sem olfacto e da sua educadora, a senhora Biancolini, a convite de João dos Santos, para a comemoração do centenário de Anne Sullivan que já referi.

O convívio com as suas vidas e a experiência radical do despertar de Pinuchia para a comunicação, aprisionada como vivia na condição selvagem de um ser atirado para um asilo de pobres e alienados em Milão, devolveram-me de modo decisivo a esperança no desenvolvimento humano.

Quando conheci Pinuchia, em Novembro de 66, preparava-se ela para o magistério com excelentes classificações. Queria ensinar braille

a pessoas cegas. Biancolini, entretanto, contou a uma plateia perplexa como, duramente, rompeu o silêncio desse ser que se negava e de como a metamorfose se dera ao descobrir as pontes da comunicação. Assim, em conferência, nos transportou ao milagre da formação humana. Impunha-se-me nessa hora como evidente a centralidade de um anel de comunicação nas aprendizagens, ou dito ao modo de Delfim Santos, *uma didáctica como teoria da comunicação*, a antecipar o trabalho em A-da-Beja e no MEM. Compreendi então, e no mais fundo, o que também Delfim Santos registara em inédito sobre a *História da Educação*: «Sem educação, isto é, sem a condução dos homens pelos outros portadores de certo ideal que os levarão à compreensão dos perigos e indicação de defesa e protecção, o homem como homem não seria possível.»

É verdade que fui escolhendo do largo encontro com João dos Santos apenas os fios que me pareceram ter tecido novos percursos meus e de outros que comigo os foram transportando para o Movimento, fazendo deles *pedras vivas*, no dizer de António Sérgio.

Outras coisas poderia invocar como sua marca indelével. Mas sublinho, por fim, apenas, a urgência que sentia em re-humanizar a relação, valorizando a espontaneidade no acto educativo. Disse-o exemplarmente no prefácio de *A Educação da Criança* (Livros Horizonte) em jeito de conclusão: «A *educação* pode ser encarada como um fenómeno cultural, que orienta o diálogo com o educando e os outros educadores, mas a *acção educativa* deve sempre basear-se na relação espontânea, afectiva e instintiva. Quem educa são as personagens verdadeiras, e não as figuras ideais [...] que a educação não é uma matéria que se ensina, mas uma atitude que reflecte o confronto das vivências do educando que fomos com as do educador que pretendemos ser».